



Luciene Nascimento

**Luciene Nascimento —
"PENSEMOS EM VIDA E ESPERANÇAS,
PAZ E FELICIDADE"**

Querida Mãezinha Neuza e querido papai Luiz, sinto-me reconfortada em lhes pedindo para que me abencoeem.

Creio que nem precisaríamos comentar.

Estou escrevendo sob a indução de amigos novos daqui, a fim de pacificar-lhes os corações queridos.

Afinal, procurávamos nós todos uma Semana Santa de verdade, quando decidimos ir ao encontro de nossos prezados amigos Dr. Jonas e Dra. Júlia.

De começo, aquela satisfação de cortar a rotina para a mudança passageira de algumas horas.

A Nelize e o Luizinho estavam tão felizes, que nem sei descrever aquele contraste em que a face da alegria iria nos mostrar o outro lado escondido daquela felicidade que nos alcançava a todos.

O que aconteceu em caminho, não saberia contar.

Se uma bomba estourasse sobre nós, vindo de procedência desconhecida, seria o mesmo, porquanto me via

arrasada por um estrondo, e as ferragens do carro rangiam, qual se a máquina tivesse vida e estivesse quebrando os próprios nervos, nas estruturas dela, sob a pressão de algum petardo que fosse atirado sobre nós.

Até hoje não consigo alinhar minudências.

Aliás, é contado freqüentemente, por aqui, em minha vida nova, que as vítimas de acidentes de automóveis e aviões nunca se conscientizam de pormenores dos desastres que as surpreendem, de vez que, estando no bojo dos aparelhos, a gente não dispõe de muitas possibilidades para revisões do assunto.

Naquele instante, senti-me no dever de me levantar para as tarefas de socorro em auxílio de alguém, pois ouvia os gritos e as petições dos companheiros de viagem.

Entretanto, uma força irresistível se apoderou de mim, como se me sufocasse, inibindo-me as palavras.

O corpo esmorecera.

Não sei, foi um sono de tranqüilizante maciço.

Comecei a ouvir cada vez mais longe as vozes dos companheiros, até que muito a contragosto, adormeci totalmente.

Anestesia da brava.

Somente acordei, não sei depois de quanto tempo, a pedir socorro...

Reconhecia-me de corpo íntegro, e acreditei que não estivesse a muita distância de casa, mas a vovó Luíza se encarregou de vir ao meu encontro, dialogando comigo.

A idéia da morte não é flor de nossos jardins, por muito que se sofra, e quando a benfeitora me disse que me conformasse com o acontecido, entreguei-me em crises de lágrimas, que não conseguia frustrar.

A vovó permitiu que eu chorasse o quanto quisesse,

e, depois que as nuvens de minha tristeza se desfizeram em pranto, pude saber, sem alarde, que a nossa Nelize voltara igualmente à vida espiritual, e se encontrava sob a tutela de afeições querida da família Campos.

Um vazio de esperanças se fez na cachoeira de meus pesares, e eu recomecei lentamente a refazer as próprias forças.

Então pude verificar, em nossa própria casa, que o papai e o Luizinho sofriam terrivelmente ao lado da angustiada mãe Neuza, a me buscarem, através dos pensamentos de indagações.

A minha luta para demonstrar-lhes que estava ali, eu mesma, foi um esforço gigantesco, do qual não retirei momento algum.

Doía-me vê-los chorando, com o nosso Luiz marcado pelo sofrimento, e anunciaava-me as preces com que rogavam, com as bênçãos de Deus, em nosso benefício.

Mãe querida e querido papai Luiz, venho repetir-lhes que vou bem, e que espero retornar à minha própria capacidade de serviço, para lhes ser útil.

Não nos recordem, a Nelize e a mim, quais pessoas punidas pela vida.

Estamos refeitas e bem dispostas, entrando em novos conhecimentos que nos libertam, pouco a pouco, do sentido da posse, a fim de sermos nós mesmos.

Tudo já foi tragado pela viagem do tempo, que não poupa ninguém, quando se trata de mostrar que a dor é uma espécie de volante da alegria.

O Luizinho está melhor, e a própria Nelize nos auxilia, a fim de vê-lo conformado para suportar as consequências da nossa semana agitada de Abril que já se foi.

Quando pudermos, pensemos em vida e esperanças, paz e felicidade.

A vida mental é que determina os nossos estados espirituais.

Peço-lhes me auxiliem nisso.

Não queremos ser recordadas como estátuas da morte.

Não somos a sombra estragada que perdemos, sim nossa própria pessoa no fim do tempo, nós que nos enriquece a vida nova.

É o que lhes desejávamos dizer, comentando a nova existência da morte, na condição do fim da vida.

Para mim tudo se processou à feição do sono de uma noite para quem desperta de manhã.

Espero que o nosso querido Luizinho esteja forte e bem disposto.

Querida mamãe Neuza e querido papai Luiz, recebam minha alma da filha agradecida que lhes escreve, situando o coração nas palavras, sempre a filha do coração, que traz o coração que lhes pertence e lhes pertencerá no todo o sempre com o amparo de Deus, sempre a filha reconhecida,

Luciene Nascimento

* * *

Luciene Nascimento nasceu em Uberlândia, Estado de Minas Gerais a 29 de julho de 1966, e desencarnou a 16 de abril de 1981, em consequência de um acidente automobilístico, na Rodovia Uberlândia-Prata, ocorrido no dia anterior, no qual também desencarnou sua amiga Maria Nelize Campos Silva, como veremos adiante, no Capítulo 7.

Adorava crianças, era muito caridosa e tinha muita pena de pessoas idosas e de parcos recursos econômicos.

Acima de tudo, estimava seus pais, Sr. Luiz Henrique Nascimento e D. Neuza Silva, e o irmão Luiz Henrique Nascimento Júnior.

Dizia sempre que não chegaria aos 15 anos de idade, e que, dentro em breve, iria ver de perto o Mundo Maravilhoso que ela sabia ser o Espiritual.

Por diversas vezes, solicitou à genitora que a levasse a Uberaba para conhecer o Chico Xavier e lhe pedir notícias da avó e das tias desencarnadas em acidentes.

D. Neuza costumava explicar-lhe que era difícil falar com o médium de Emmanuel, devido ao grande número de pessoas que o procuram, não somente do Brasil, como de diversas partes de todo o mundo, ao que Luciene retrucou, da última vez que tocaram no assunto:

— Tenho certeza de que quando eu desencarnar, a senhora conseguirá chegar perto dele para obter notícias minhas!

Numa festa de quinze anos, alguém brincou com Luciene que breve fariam aquela mesma festa para ela, ao que a jovem respondeu:

— Não vai haver festa, porque até lá eu já morri, e quero que me enterrem com uma *Adidas* vermelha.

No caderno de um amigo, nossa autora espiritual deixou escrito que, quando desencarnasse, queria ir vestida de *Adidas*, desejo que foi plenamente satisfeito por sua mãezinha.

1 - *Dr. Jonas e Dra. Júlia*: Dr. Jonas Lima Silva e Dra. Maria Júlia Campos Silva, pais de Maria Nelize Campos Silva, residentes no Prata, Minas. (Cf. Capítulo 7, adiante).

*

2 - "De começo, aquela satisfação de cortar a rotina para mudança passageira de algumas horas." — Horas antes de viajar, Luciene, do Colégio, telefonou para a genitora, perguntando se ela deveria ir para o Prata.

Ao obter resposta afirmativa, concluiu:

— Mamãe, você é a melhor mãe do mundo, eu te amo!

*

3 - *A Nelize e o Luizinho*: Maria Nelize Campos Silva e Luiz Henrique Nascimento Júnior, irmão de Luciene e namorado de Nelize.

*

4 - *Vovó Luíza*: Trata-se de uma benfeitora espiritual.

*

5 - "Não queremos ser recordados como estátuas da morte." — Lembrete dos mais oportunos, para que os familiares e amigos não fiquem com o pensamento fixo no sofrimento da pessoa desencarnada, mas, sim, mentalizá-la forte e em refazimento, a fim de oferecer-lhe recursos energéticos, uma vez que "a vida mental é que determina os nossos estados espirituais."

*

Sugerindo ao leitor que possa reler a mensagem que ora acabamos de analisar, de forma sumária, recebida a 11 de dezembro de 1981, roguemos a Jesus continuar iluminando os passos de nossa jovem Luciene, para que ela prossiga espargindo luz e bênçãos a todos os seus semelhantes.

6

Marcelo Toti — MENSAGEM I

Oi, Pai!

Não é tão acessível um lugar aqui para que nos entendamos com a calma precisa.

Reconheço que estamos entre amigos, mas isso não quer dizer que estejamos unicamente entre conhecidos para um bate-papo como seria de desejar.

Papai, sei que a mãezenha Helena vem procurando com urgência notícias minhas.

Isso, em verdade, é que constitui crença firme.

Porque depois de se haver perdido o corpo físico, as surpresas são muitas e uma delas é essa dificuldade para nos entendermos por terceiros.

Ainda assim, sou grato ao ensejo que me oferecem para que eu fale, e sou reconhecido ao seu interesse de pai que se desvencilha de tantos preconceitos por minha causa.

Papai Américo, a máquina bateu e eu bati com ela, de tal modo que não fui mais o que fui.